

# O CABELO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA IDENTIDADE NEGRA

## HAIR AS A FORM OF EXPRESSION OF BLACK IDENTITY

Anderson José de Oliveira<sup>1</sup>  
Bárbara Betânia dos Santos<sup>2</sup>  
Nayara Rios Cunha Salvador<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho se organiza através de uma metodologia de cunho qualitativo, referenciado em fontes bibliográficas, notícias publicadas pelos meios de comunicação. São discutidas diversas questões relacionadas ao negro na sociedade, incluindo aspectos relacionados à identidade da mulher negra que se expressa, entre outras possibilidades, através de seu cabelo. Tais recursos permitem compreender como questões vinculadas ao racismo estão intimamente ligadas à sociedade brasileira, pois são escancaradas na internet através, por exemplo, de comentários em perfis de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. Dada a amplitude, relevância do tema e sua existência na realidade material da vida em sociedade, a discussão desses assuntos na escola mostra-se essencial. Devido a esse quadro, são feitas algumas reflexões sobre a valorização das expressões da negritude, bem como a necessidade de se denunciar e combater o racismo existente na sociedade brasileira e o papel da escola nesse processo de construção de uma sociedade antirracista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Negro. Cabelo. Educação.

### ABSTRACT

The present paper is organized through a qualitative methodology, referenced in bibliographic sources, news and videos published by the media. Issues related to black people in society are discussed, including aspects related to the identity of black women who express themselves, among other possibilities, through their hair. Such resources make it possible to understand how issues related to racism are closely linked to Brazilian society, as they are shown wide open on the internet through comments on social network profiles such as Facebook and Instagram, for instance. Given the breadth, relevance of the theme and its existence in the material reality of life in society, the discussion of these issues at school is essential. Due to this situation, some reflections are made on valuing the expressions of blackness, the necessity of denouncing and combating racism in Brazilian society and the role of the school in this process of building an anti-racist society.

**KEYWORDS:** Identity. Black People. Hair. Education.

---

<sup>1</sup> Discente de doutorado e mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Educação Física Escolar e em Arte e Educação Infantil. Graduado em Licenciatura plena em Educação Física e Licenciatura em Pedagogia. Professor efetivo de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora/Minas Gerais (MG) e na Rede Estadual de Ensino de MG.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Educação Infantil e anos iniciais pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (Faveni).

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Educação em Direitos humanos, Diversidade e questões étnico-sociais ou raciais pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (Faveni). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Letras pela Faculdade Estácio de Sá.

## 1 INTRODUÇÃO

A abolição da escravização no Brasil aconteceu há mais de uma centena de anos. No entanto, ainda é comum pessoas negras sofrerem as mazelas remanescentes desse período monstruoso de nossa história. O preconceito se mostra de diferentes formas, como por exemplo, aquele direcionado contra o indivíduo negro e a expressão de suas origens, demonstradas através do seu cabelo.

No presente trabalho estão relatos que mostram pessoas vítimas de injúria racial e racismo, apresentando mulheres negras que, em momentos da sua vida, foram vítimas de preconceito e violência em relação ao seu cabelo ou a sua cor.

Objetivamos mostrar as diversas formas como o racismo se dá em nossa sociedade, através de relatos e situações vividas por pessoas que passaram por questões delicadas e vexatórias com referência aos seus cabelos ou à cor de sua pele. Além disso, apontamos para as mais diversas formas através das quais o racismo se manifesta; desde as mais individuais às institucionais e ao racismo estrutural.

Para tal será utilizada metodologia de cunho qualitativo, referenciada em fontes bibliográficas, notícias publicadas pelos meios de comunicação, entre outros, e ancorada em uma base teórica decolonial.

Apresentamos, no primeiro momento, a definição e as formas de expressão social do racismo, para depois, identificarmos o cabelo afro, como forma de expressão da raça e da ancestralidade negra, e, portanto, alvo de racismo.

## 2 RACISMO: ORIGENS CONEXÕES E EXPRESSÕES

Começaremos essa explanação a partir de um recorte histórico, uma vez que não seria possível trazer aqui toda a história que se dá em torno das origens do racismo. Assim, partimos da história antiga, do mundo greco-romano, sabendo da existência das outras civilizações e períodos históricos.

Segundo Moore (2007), enquanto a dominação greco-romana não se estendeu para fora da Europa, eram considerados inferiores ou bárbaras todas as populações vizinhas, de raça branca. Porém, esta noção muda com a extensão do imperialismo helenístico e romano ao norte da África e ao Oriente Médio.

A expansão do imperialismo greco-romano é contemporânea ao raciocínio supostamente científico, de fenótipo racial. Os pensadores gregos deram origem ao conceito de Fisiognomia, que

considerava a observação da anatomia e do fenótipo para compreender a personalidade humana (LOVEDAY e FORSTER citados por MOORE, 2007). Assim, povos africanos receberam características negativas de acordo com essa suposta disciplina “científica”.

Podemos perceber que esse proto-racismo é inicialmente baseado em divisões geográficas que relacionava diretamente as noções “estrangeiro-escravidão-inferioridade”. Ainda, havia uma noção de superioridade baseada na "pureza de sangue", o que fazia com que pessoas mestiças fossem igualmente condenadas como os "bárbaros" e que a eugenia fosse defendida como forma de manter forte o império.

Assim, temos na sociedade greco-romana o princípio balizador das noções de "sangue puro", xenofobia, eugenia e superioridade e inferioridade baseadas na etnia e no gênero, bem como da escravização como algo natural e necessário.

Séculos depois, temos a retomada de textos greco-romanos, especificamente do médico grego Claudio Galeano, para justificar a escravização de negros e a expansão do Império árabe.

[...] cabelos crespos, sobrancelhas pouco abundantes, narinas largas, lábios grossos, dentes pontudos, cheiro da pele forte, olhos pretos, rachas nas mãos e nos pés, desenvolvimento das partes genitais e uma petulância excessiva, resultado, na concepção de Galeno, da formação imperfeita do cérebro, que explica também a fraqueza de inteligência” (MASUDI apud LEWIS, 1992, p. 52).

Segundo Moore (2007), tais ideias sobre a escravização racial, e de características supostamente inferiores devido à cor da pele e das feições dos africanos, foram levadas à Península Ibérica pelo mundo árabe imperial por conta da conquista e ocupação árabe-muçulmana (711-1492). Portanto, as teorias raciais que inundariam as consciências dos povos da Península Ibérica, surgiram no Oriente Médio.

O autor destaca:

Pode-se afirmar que o modelo de escravização racial - que elege um grupo racial como alvo - foi um modelo erigido, defendido, fortalecido e divulgado pelos árabes muçulmanos entre os séculos VII e XV. [...]. No processo de expansão do Império muçulmano as elites dirigentes determinaram que o continente africano, iniciando pela África do Norte, seria a fonte fornecedora da mercadoria em questão – os escravos. Vale elucidar que se tratou de uma determinação e não de uma escolha aleatória, visto que a África era caracterizada pelos árabes como sendo a Bilad as Sudan – terra dos negros.

Chegamos, a partir de então, a uma fase histórica decisiva para a estruturação do racismo como existe atualmente: o capitalismo. A expansão capitalista utilizou de mão-de-obra escravizada trazida da África. Além disso, enquanto a Europa se tornava capitalista, a África ainda se baseava numa relação econômica e social que emergia do comunalismo e era considerada "inferior" pelos

européus. Dadas as relações de poder, segundo Rodney (1982, p. 91): “Europa Ocidental e África mantiveram uma relação que garantiu a transferência da riqueza da África para a Europa”.

Assim, destaca-se o papel do processo do racismo para acumulação de capital, quando da origem do capitalismo, ao facilitar a apropriação das riquezas locais e: “[...] minimizar os custos de produção [...] (os custos da força de trabalho) bem como as reivindicações de classe. O racismo é a fórmula mágica que concilia esses objetivos”. (WALLERSTEIN, 2021, p. 69).

No Brasil, o racismo tem relações diretas com os processos econômicos que se tornaram dele dependentes. No período pós-escravização, o discurso de branqueamento foi a saída encontrada para que a riqueza e o poder se mantivessem nas mãos de homens brancos e a estrutura social se mantivesse intacta. Desse modo, utilizava-se de um suposto discurso científico de que apenas os brancos teriam atributos intelectuais e morais para levar o país ao progresso. Assim, "centralizar na raça o fator imperativo para o progresso da nação criava barreiras para propostas baseadas na modificação da estrutura econômica" (SOUZA, 2022, p. 205) e favorecia os grandes proprietários de terra.

Além disso, o mesmo discurso era acionado para justificar a pobreza e as condições de vida de pessoas negras e retirar do Estado a responsabilidade social por essas pessoas abandonadas, sem emprego, após terem sido escravizadas, deslocando a responsabilidade para um processo de individualização pelo fato de serem negras (SOUZA, 2022).

É evidente que tal processo resultaria num branqueamento estético e cultural por parte de pessoas negras, como forma de suplantarem as barreiras raciais e conseguirem de desvencilhar das péssimas condições sociais e econômicas que viviam. Desse modo "o branqueamento deve ser entendido tanto em termos de seu impacto sobre a psique das pessoas negras quanto em termos de uma barreira subjetiva à formação de uma visão histórico-crítica contra o racismo e contra as opressões do capitalismo sobre as pessoas negras (SOUZA, 2022, p. 208).

O projeto eugenista e de branqueamento da população foi suplantado, no Brasil, por volta de 1930, pelo mito da democracia racial, advindo do pensamento de Gilberto Freyre sobre as relações raciais no Brasil, a partir de sua obra *Casa-Grande & Senzala*. Essa noção equivocada de docilidade nas relações entre negros e brancos deu origem a uma forma de racismo peculiar; um racismo "à brasileira", que diferentemente de outros países, onde o racismo se materializa por práticas assumidamente preconceituosas; aqui não se assume a existência do racismo e, por vezes, ele acontece de forma velada, dando origens a discursos que entextualizam o racismo como "mimimi".

“[Eu] Resumiria o racismo brasileiro como difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado, em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos, e algumas pessoas talvez suponham que seja mais sofisticado e inteligente do que o de outros povos” [...] Sofisticado e inteligente, porque ao mesmo tempo em que atua como força de poder, gerando privilégios para as pessoas brancas e respondendo aos interesses das classes dominantes, dificulta a luta contra ele pela forma como penetra na mente das pessoas brancas e negras, transformando-se num “[...] ‘crime perfeito’, pois além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros” (MUNANGA, 2017, p. 40).

Voltando, ao contexto histórico, com a expansão da industrialização e do capitalismo no Brasil, percebemos a manutenção dos privilégios de pessoas brancas, estruturando cada vez mais as práticas racistas que se mantêm até hoje. Segundo Souza (2022) os anúncios de ofertas de emprego traziam exigência de “boa aparência”, logo entendida como o padrão de beleza branco. Era incomum a presença pessoas negras nos cargos de gerência, chefia e direção de empresas.

O que nos traz aos dias de hoje e ao tema deste trabalho. Ainda é incomum pessoas negras ocupando tais cargos. Ainda temos em entrevistas de emprego, perguntas sobre o cabelo de pessoas negras. O que mudou? Pensemos sobre isso através do próximo tópico, em que discorreremos sobre o cabelo como expressão de identidade de pessoas negras.

### 3 O CABELO COMO ELEMENTO DA IDENTIDADE NEGRA

"Nêga do cabelo duro  
Que não gosta de pentear  
Quando passa na praça do tubo  
O negão começa a gritar...  
Pega ela aí, pega ela aí  
Pra quê? (Pra passar batom)  
Que cor? (De violeta)  
Na boca e na bochecha."  
(LUIZ CALDAS, 1985)

O trecho acima, de uma canção de 1985, demonstra como o cabelo crespo era algo abertamente menosprezado, chamado de "cabelo duro"; daquela que não gosta de penteá-los. A mulher negra, também depreciada, por uma autorização social para que seja tocada: "Pega ela aí."

Podemos compreender as imagens relacionadas aos cabelos de pessoas negras como a expressão de uma zona de tensão e conflito, como sugere Nilma Gomes (2002, p. 3):

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.

A autora relata que o tratamento dado ao cabelo é uma expressão da adequação (ou não) aos padrões de beleza que impõem um ideal e este ideal é branco. Assim, a intervenção no cabelo, para uma pessoa negra, mais do que apenas algo estético, é, também, identitário.

De acordo com bell hooks (2019), uma marca da opressão durante os anos de *Apartheid* racial nos Estados Unidos era que as pessoas negras não podiam "aparecer"; deviam manter-se invisíveis, apagando todos os traços de sua subjetividade, para serem menos ameaçadores.

Hoje, pode-se dizer que assumir a estética negra, através do seu modo de vestir, de aceitação do se corpo e pela aceitação do seu cabelo na sua forma natural é algo que tem sido mais frequente. Porém, apesar do avanço das pautas e movimentos sociais negros; dada sua clara conexão com a raça, o cabelo crespo é a ainda fonte de preconceito, críticas e discriminação. Ainda existe a necessidade advinda de uma supremacia branca, de invisibilizar pessoas negras e torná-las "menos ameaçadoras".

Tais comportamentos baseados numa "docilização das pessoas negras" levam à busca por uma aparência que esteja de acordo com os padrões de beleza europeus, padrões esses que segundo Coutinho (2011) estão relacionados a indivíduos do sexo masculino ou feminino que sejam brancos, com cabelos lisos é algo que se distancia da realidade do nosso país, mas ainda assim, existe e é fortemente reproduzido.

Pensando especificamente no cabelo, nota-se que segundo Sabino (2007) esta parte do corpo humano é utilizada para a comunicação de uma variedade de sentidos sociais.

Sendo um dos símbolos mais poderosos de identidade individual e social o cabelo consolida o significado do seu poder, primeiro porque é físico e extremamente pessoal; segundo porque apesar de pessoal é também público, muito mais do que privado. As efetivas hierarquias sociais podem ser simbolizadas por intermédio das formas de capilaridade que os indivíduos portam. Gênero ocupação, idade, fé, status socioeconômicos e até mesmo orientação política, além de disposições e gostos pessoais que não deixam de remeter às classes sociais - significam posições na gramática social, radicando-se nas relações de força inerentes às relações pessoais e institucionais (SABINO, 2007 p.116-117).

Sabino segue dizendo que o cabelo traz em si a marca da origem do ser e a sua posição na sociedade. A aceitação do negro em assumir seu cabelo na forma natural é algo que passa por cima dos padrões estéticos predominantes, sendo assim, por exemplo, para uma mulher negra é muito mais do que um simples adorno do rosto, é também uma expressão cultural que diz sobre suas origens.

Nesse processo de valorização do negro e de sua estética podemos destacar o movimento Black Power<sup>4</sup>, nos anos 60, que foi um movimento que deu início à valorização do cabelo da pessoa negra. Segundo Quintão (2013), é um importante movimento da valorização do cabelo do negro e dos seus traços fenotípicos. “O Black Power, para o negro militante, é também um símbolo de resistência – nesse caso, ao racismo – e da beleza negra, mas possui outro signo, o da impureza, para o racista.” (QUINTÃO, 2013, p. 38)

Nos dias de hoje, devido à revolução ao acesso a informação propiciada pela internet é possível encontrar relatos de pessoas que sofreram e sofrem preconceito racial. Essa maior visibilidade ajuda a abrir espaço para discussões e facilitar o combate sobre este tipo de violência. Dessa forma, serão descritas, logo em seguida, histórias de pessoas famosas e anônimas que sofreram em seu cotidiano situações relacionadas ao racismo, em diversas expressões, inclusive aquelas direcionadas ao cabelo da pessoa negra.

#### **4 O PRECONCEITO EXPRESSO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS**

Nas redes sociais existem, em grande número, grupos que tratam da estética negra e a forma de como tratar do cabelo cacheado/crespo. Serão mostradas aqui publicações relacionadas a cabelo crespo/cacheado em vários sites. Daremos um enfoque às mulheres negras anônimas e famosas que foram discriminadas pelo seu cabelo.

Não é incomum na mídia personalidades negras serem vítimas de preconceito racial, causando, inclusive, mobilização das pessoas e de autoridades competentes para investigação desses casos. Para exemplificar tal situação serão citados alguns comentários<sup>5</sup> contendo injúria racial que foram direcionados à foto de perfil da página da atriz Taís Araújo<sup>6</sup> no ano de 2016.

Comentário 1: Já voltou da senzala?

Comentário 2: “vai lavar louça com esse cabelo?”

Comentário 3: “Quem postou a foto desse gorila no Facebook?”

---

<sup>4</sup> Essa expressão significa “poder negro” criada por Stokely Carmichael. Este movimento surgiu, no final dos anos 60 em oposição a direção reformista do movimento pelos direitos civis – no sul dos EUA e em outras partes da América do norte.

<sup>5</sup> Os comentários serão enumerados pois a intenção é apenas analisar as falas e não identificar as pessoas.

<sup>6</sup> Taís Bianca Gama de Araújo Ramos (Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1978) é uma atriz e apresentadora brasileira. Destacou-se como a terceira atriz negra a protagonizar uma telenovela brasileira em Xica da Silva (1996) – após Iolanda Braga em A Cor da Sua Pele (1965) e Ruth de Souza em A Cabana do Pai Tomás (1969) – sendo também a primeira a protagonizar uma trama do horário nobre da Rede Globo em Viver a Vida (2009). Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs\\_Ara%C3%BAjo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs_Ara%C3%BAjo). Acesso em 26.01.2022.

Comentário 4: “Não sabia que no zoológico tinha câmera”

Comentário 5: “Cabelo de saco”

Comentário 6: “Cabelo de bombril”<sup>7</sup>

Esses são apenas alguns dos comentários encontrados na página, há muitos outros desse tipo, como há também mensagens de apoio à atriz, de pessoas que se indignaram com essas falas preconceituosas. Destacaremos aqui os comentários 2, 5, 6, os quais enfatizam o preconceito em relação ao cabelo crespo da atriz Taís Araújo.

O cabelo da mulher negra quando criticado, fato esse visível nos comentários destacados, é relacionado a objetos de limpeza como “bombril” ou esfregão, que estão o tempo todo em contato com a sujeira e que trazem à cena também, a imagem da empregada doméstica, como lugar pertencente a mulheres negras.

Outro elemento relacionado ao cabelo crespo na sua apresentação natural é que ele é volumoso, crescendo para cima, o que torna mais chamativo, diferentemente do cabelo liso que mantém um aspecto mais simétrico. Devido a essas características podem-se visualizar em sites da internet, depoimentos de mulheres que sofreram preconceitos no seu cotidiano, por causa de seus cabelos crespos/cacheados.

**Depoimento 1:** Já ouvi diversas vezes que meu cabelo não condiz com a minha formação. As pessoas não esperam que uma mulher negra seja formada em administração e muito menos que ela use black. Já aconteceu em um processo seletivo o entrevistador com o meu currículo na mão chamar o meu nome e, ao me ver levantando, dizer: 'Não chamei você. Chamei a Kelly'. (Kelly Cristina Nascimento, 29 anos, de São Paulo).

**Depoimento 2:** Em 2012, fui trabalhar como analista de social media em uma agência e eventualmente teríamos que visitar clientes. O dono da agência disse que, quando eu fosse falar com os clientes, eu deveria fazer chapinha. Na época, eu não tinha a noção de que isso era uma demonstração clara de racismo". (Taís Oliveira, 25 anos, de Guarulhos - SP

**Depoimento 3:** Uma amiga arrumou para mim um emprego de babá. Ela contou para a contratante que eu tinha cabelo cacheado e a mulher perguntou se ele era 'para o alto'. A contratante pegou, então, o meu contato e viu a minha foto no Whatsapp. Mas, por causa da química que eu usava na época, o meu cabelo caiu e tive que cortá-lo bem baixinho. Quando cheguei na casa da família, a mulher ficou em choque e a primeira coisa que perguntou foi o que tinha acontecido com o meu cabelo. Depois, ela disse que tinha gostado do meu currículo, mas que a aparência também contava porque eles eram da alta sociedade, frequentavam lugares importantes e que, provavelmente, eu também iria. Ela

---

<sup>7</sup> Extraído do site <https://www.facebook.com/taisdeverdade/?fref=ts> em 16 de fevereiro de 2016. Tal caso de racismo está registrado inclusive no site: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs\\_Ara%C3%BAjo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs_Ara%C3%BAjo). Acesso em 26.01.2022.

tinha seis funcionários na casa: cinco eram negras e o motorista branco. Todas as negras tinham o cabelo liso. (Dayana da Silva Santiago, 27 anos, de Itaguaí – RJ.)<sup>8</sup>

Todas as três mulheres citadas acima possuem o cabelo crespo e foram, como pode ser notado pelos relatos, discriminadas, mesmo havendo uma legislação em nosso país que combate tais situações. A lei 7.716/89 define crimes relacionados a preconceito, cor e raça e determina em seu artigo 4º que negar ou obstar emprego em empresa privada poderá conduzir a uma pena de dois a cinco anos de reclusão.

Os relatos apontam, ainda, uma compreensão de que o cabelo crespo não passa seriedade ou causa descrédito, como pode ser compreendido diante do fato de o chefe de uma dessas mulheres pedir para que ela fizesse chapinha, como se isso a fizesse mais "apresentável"; ou mesmo na relação feita, no terceiro relato entre o cabelo crespo, boa aparência e "alta sociedade"; o que entextualiza, também, uma questão interseccional raça e classe; indicando o pensamento de que pessoas negras e de cabelos crespos não chegam à alta sociedade, esse lugar não lhes pertence.

Chama atenção, ainda, a não percepção do racismo por uma das mulheres, que em seu relato, afirma que na época, não tinha noção de que aquilo que lhe sucedeu era racismo. Sobre isso, nos diz Bell Hooks (1981):

Os esforços de disseminação contínua de desvalorização da natureza feminina negra tornaram extremamente difícil e frequentemente impossível às mulheres negras desenvolverem um auto-conceito positivo. Porque somos diariamente bombardeadas por imagens negativas. De fato, este estereótipo negativo vem sendo uma força opressiva tanto quanto nossa aceitação disso como um papel viável e um modelo sobre o qual podemos forjar as nossas vidas (HOOKS, 1982, p. 62, tradução nossa).

Dessa forma, compreendemos que mulheres negras são compelidas a compreenderem situações de racismo como algo natural. O entendimento deste processo é dificultado dada a existência estrutural do racismo e sua naturalização. Uma vez que a negritude é sempre relacionada a imagens negativas, essa naturalização do racismo faz com que a pessoa negra demore a compreendê-lo como algo criminoso e que deve ser combatido.

Diante dos comentários expostos acima, entendemos que ainda é necessária uma política de inclusão e movimentos que valorizem a estética da mulher negra na sociedade. Isso é encontrado em alguns sites, blogs ou páginas da internet. Na rede social *Facebook*, por exemplo, há uma página chamada "Cacheadas em Transição"<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Depoimentos extraídos de <https://www.garcaonline.com.br/2015/11/nao-consigo-emprego-por-cao-do-meu-cabelo-afro;-veja-casos-de-racismo>. Em 26.01.2022.

<sup>9</sup> Transição capilar é deixar o cabelo crescer sem que se passe mais nenhuma química nele. Por conta disso o cabelo fica com duas texturas: a do cabelo natural que está crescendo sem química (a raiz do cabelo) e o cabelo com química

A página foi criada em 2014 e conta com mais de 16 mil seguidores. O objetivo dessa página é oferecer apoio a meninas e mulheres que decidiram deixar o cabelo natural, ou seja, crespo ou cacheado. Nesse processo, elas vão deixando-o crescer, sem utilizar produtos químicos para alisar ou diminuir o volume. À medida que o cabelo vai crescendo surge um contraste muito grande entre a parte natural e a parte que ainda contém química, o que dificulta na hora de cuidar, pois existem duas texturas diferentes. Ainda sim muitas dessas meninas e mulheres preferem passar por esse processo a fazerem o *big chop*.<sup>10</sup>

Diante das situações expostas anteriormente, de preconceito, exclusão, vemos nas formações de páginas como esta uma forma de valorização da estética negra nas quais a mulher pode assumir-se como é, não precisando se enquadrar nos padrões estéticos impostos pela sociedade. Porém, argumentamos sobre a extensão de tais iniciativas (importantes) na materialidade social das vidas de mulheres pretas. Compreendemos que este é um passo importante, mas que são necessárias outras ações, principalmente fora das redes sociais e articuladas com a luta de classes, para que tenhamos ganhos que se expressem em políticas públicas e ampliação do debate sobre o racismo na sociedade.

Embora haja uma grande mobilização e luta por parte dos movimentos sociais para a igualdade de direitos e a luta antirracista, ainda há muito a ser feito. Nesse sentido é necessário pensar como o preconceito acontece em diferentes ambientes como a escola e a família.

## 5 A ESCOLA/FAMÍLIA E (DES)IGUALDADE RACIAL

A família e a escola são os grandes responsáveis pelo desenvolvimento social e cultural do indivíduo. Segundo Cavalleiro (2000) a escola e educação familiar não podem ser consideradas como opostos entre si, pois ambas desempenham importantes funções. É necessário que haja uma relação entre a família e a escola para que a realização do processo de socialização proporcione um desenvolvimento saudável para a criança.

De acordo com Barbosa (1983) o processo de socialização é de fundamental importância no processo de constituição identitária do indivíduo. É através dele que o indivíduo se reconhece dentro da sociedade. Nesse processo de pertencimento e conhecimento sobre si, o negro, desde

---

(as pontas do cabelo). Disponível em <http://cacheia.com/2014/07/dicionario-cacheado-terminos-e-expressoes-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em 26.01.2022.

<sup>10</sup> *Big chop* (grande corte) consiste em cortar toda a parte do cabelo que contém química e deixar só a parte natural. Esse procedimento é evitado por muitas mulheres pois deixam o cabelo muito curto e muitas não tem coragem de fazê-lo - Disponível em <http://cacheia.com/2014/07/dicionario-cacheado-terminos-e-expressoes-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em 26.01.2022.

criança, precisa ser estimulado a desenvolver a consciência de seu papel na sociedade sem se deixar levar por construções preconceituosas a seu respeito. Segundo Cavalleiro (2000) vivemos numa sociedade na qual predomina uma visão negativa e preconceituosa em relação ao negro, que foi historicamente construída e que, em contrapartida, há uma identificação positiva do branco fazendo com que o processo de socialização acabe sendo fundado nesse modelo, no qual o negro é visto como sendo inferior ao branco.

De acordo com Cavalleiro (2000) a família e a escola são os primeiros a fazerem parte do processo de socialização da criança. Esse novo membro da sociedade acaba por interiorizar processos de socialização e modos de estar no mundo já existentes e reproduzidos antes mesmo dele nascer e, ao interagir com outras crianças e adultos ele aprende valores, opiniões e atitudes em relação ao meio social em que vive. Sendo assim, destacamos a importância da família e da escola nesse processo de socialização.

A luta encampada pelos movimentos negros no processo de valorização do negro na sociedade, a fim de dar-lhe visibilidade histórica e, a modificar a representação estereotipada negativa do negro, teve resultados benéficos no campo da educação. Temos hoje a lei 11.645/2008, que "torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio" (BRASIL, 2008).

Apesar da existência da lei, e da diversidade de tons de pele dentre os alunos, é possível perceber através dos dizeres de Araújo; Braga (2019) que atualmente dentro das salas de aula, ainda observa-se na prática pedagógica preconceito racial, que acaba sendo difundido pelas próprias crianças em salas do ensino fundamental – anos iniciais.

Ainda segundo Cavalleiro (2005, p. 13),

O conflito e a discriminação raciais na escola não se restringem às relações interpessoais. Os diversos materiais didático-pedagógicos – livros, revistas, jornais, entre outros – utilizados em sala de aula, que, em geral, apresentam apenas pessoas brancas com e como referência positiva, também são ingredientes caros ao processo discriminatório no cotidiano escolar. Quase sem exceção, os negros aparecem nesses materiais apenas para ilustrar o período escravista do Brasil-Colônia ou, então, para ilustrar situações de subserviência ou de desprestígio social. A utilização de recursos pedagógicos com esse caráter remonta a um processo de socialização racista, marcadamente branco-eurocêntrico e etnocêntrico, que historicamente enaltece imagens de indivíduos brancos, do continente europeu e estadunidense como referências positivas em detrimento dos negros e do continente africano.

Apesar dos avanços, percebemos que a escola ainda é um local de perpetuação de práticas racistas. Munanga (2001) afirma que isso ocorre devido ao preconceito incutido na cabeça dos professores, a dificuldade em lidar com a diversidade e o conteúdo preconceituoso dos materiais didáticos. Tudo isso desestimula e exclui o aluno negro, prejudicando seu aprendizado.

Diante disso, é importante refletirmos sobre nossas práticas e nos indagarmos sobre como construir uma educação antirracista. Cavalleiro (2000) entende a escola como um local privilegiado para o debate e propostas de mudança, sendo estes voltados para a divulgação do conhecimento e a necessidade de colocar em primeiro lugar o direito de todos os indivíduos viverem bem mundo.

Assim, apesar de ainda ser um local de reprodução de práticas preconceituosas, é a própria escola o lócus ideal para discutir e mudar tal realidade. Conforme nos aponta Cavalleiro (2001), devemos pensar em uma educação que se estruture nas seguintes características:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do 'eurocentrismo' dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de 'assuntos negros'.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Esses apontamentos nos mostram um caminho para pensarmos e repensarmos nossas práticas pedagógicas e construirmos, diariamente, uma educação antirracista. É necessário pensar a escola como um local no qual todos sejam aceitos independentemente de suas características físicas, de sua cor e da forma dos seus cabelos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou trazer reflexões a respeito do preconceito contra o negro, em especial contra a mulher negra e o seu cabelo. É importante a discussão em torno desse tema, pois muitas mulheres sofrem com o preconceito sendo a elas negados os seus direitos, ferindo-lhes a autoestima e colocando-as em posição inferior a outras mulheres não negras.

Tal discussão é de suma importância, levando em consideração que convivemos diariamente em nosso país com casos de racismo. Alguns desses casos tomam a mídia e chegam ao conhecimento do público em geral, são julgados e os agressores são processados e pagam por seus crimes. No entanto, o racismo permanece, é estrutural e naturalizado, de forma que muitos negros e negras sequer o reconhecem ou levam um bom tempo de suas vidas para compreendê-lo. Ainda se naturaliza o quão pejorativo e violento é ser chamado de macaco ou de "cabelo de bombril".

Sendo assim, é necessário discutir sobre a pessoa negra na sociedade brasileira para que no futuro vivamos em uma sociedade menos preconceituosa; menos racista. Nesse contexto, a escola assume papel central no combate ao racismo, pois deve formar as pessoas para o exercício de sua plena cidadania e não existe a possibilidade de exercício desta cidadania em uma sociedade preconceituosa que exclui as pessoas por possuírem esta ou aquela cor, por terem cabelo liso ou crespo. Não basta não ser racista, precisamos de uma sociedade antirracista.

É importante que pensemos em uma educação que respeite e integre no seu rol de conhecimentos a essencial contribuição da cultura que os negros trouxeram para nosso país. Uma educação que valorize a diversidade e a diferença presentes em nossas casas, em nossas escolas e em nosso país.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; BRAGA, Aline Cristina Clemente. A escola de todas as cores: o papel do gestor escolar no combate ao racismo. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 9, n. 2, p. 263 - 291, abr./ jun. 2019.

ARAUJO, Taís. **FACEBOOK**. 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/taisdeverdade/?fref=ts>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

BARBOSA, Irene Maria Fernanda. **Socialização e relações raciais: um estudo de família negras em Campinas**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

BRASIL. **Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7716compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716compilado.htm) Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em 25 de março de 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: educação e poder-racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Ed.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-60.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A Estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura. In: XXVI Simpósio de História - ANPUH. **Anais**. São Paulo, jul. 2011, p. 1-17. Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828\\_ARQUIVO\\_AEsteticaeMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828_ARQUIVO_AEsteticaeMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf). Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

DIAS, Fábio. Não consigo emprego por causa do meu cabelo afro"; veja casos de racismo. **Garça Online**. São Paulo, nov. 2015. Disponível em <https://www.garcaonline.com.br/2015/11/nao-consigo-emprego-por-causa-do-meu-cabelo-afro;-veja-casos-de-racismo>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

FRANÇA, Raysa. **Dicionário Cacheado – Termos e expressões que você precisa saber!**, jul. 2014. Disponível em <https://cacheia.com/2014/07/dicionario-cacheado-terminos-e-expressoes-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em 26.01.2022

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra: Body and hair as symbols of black identity. 2002. Disponível em [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_textos\\_sociologia/Negra.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf) Acesso em 24 de março de 2023.

HOOKS, Bell. **Ain't I a woman: Black Women and Feminism**. London: Pluto Press, 1982.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie. Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LEWIS, Bernard. **Race and Color in Islam**. Harper and Row, Publishers, New York, Evanston, San Francisco, London, 1971.

LUIS CALDAS. **Fricote**. São Paulo: Nova República, 1985.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

MUNANGA, K. Apresentação. In: MUNANGA, K (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2001.

MUNANGA, K. As Ambiguidades do Racismo à Brasileira. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 71-90.

PEREIRA, João Batista Borges. A criança negra: identidade étnica e socialização. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.63, p.41-45, nov. 1987.

PEREIRA, João Batista Borges. Aspectos do comportamento político do negro em São Paulo. **Ciência e Cultura**, São Paulo, p.1286-1294, 1982.

SABINO, Cesar. A louridade da loura. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.) **O corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultural brasileira. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

QUINTÃO, Adriana Maria Pena. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 196f, 2013.

RODNEY, Walter. **De como Europa Subdesarroló a África**. México, Siglo XXI Editores, 1982.

SOUZA, Mário Luiz de. Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 202-211, maio-ago. 2022 ISSN 1982-0259. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rk/a/C6N8TfK97tq9XXbmgG9nJcv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 24 de março de 2023.

WALLERSTEIN, I. As tensões ideológicas do capitalismo: universalismo versus racismo e sexismo. In: BALIBAR, É; WALLERSTEIN, I. **Raça, nação, classe**: as identidades ambíguas. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 63-74.

Wikipédia. **Taís Araújo**. Jan., 2022. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs\\_Ara%C3%BAjo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%ADs_Ara%C3%BAjo)

**Enviado em: 07/04/2023**  
**Aceito em: 08/05/2023**